

Índice

Prólogo	11
O jardineiro	13
O grande lavrador e as suas quatro filhas	15
O jardineiro	27
O arquitecto	33
O jardineiro	43
O fabricante de panos	45
O jardineiro	59
A mulher do arquitecto	61
O jardineiro	73
A rapariga	75
O jardineiro	87
O oficial do Exército Vermelho	89
O jardineiro	101
A escritora	107
O jardineiro	117
A visitante	121
O jardineiro	131
Os subarrendatários	135
O jardineiro	147
O amigo de infância	149

O jardineiro	161
A proprietária ilegítima	163
Epílogo	175
 Agradecimentos	 179

Prólogo

Há cerca de vinte e quatro mil anos, o gelo avançou até ao maciço rochoso que, entretanto, já não é senão uma colina suave que se avista acima da casa. Com a pressão brutal que exercia, os troncos gelados dos carvalhos, dos amieiros e dos pinheiros tinham-se partido em mil pedaços e ficado esmagados, partes do maciço rochoso haviam rebentado, tinham-se estilhaçado e pulverizado, o leão, a chita e o tigre-dentes-de-sabre tinham sido expulsos para regiões mais a sul. O gelo não penetrou além do maciço rochoso. Em seguida, pouco a pouco, tudo ficou em sossego e o gelo começou o seu trabalho, o sono. Ao longo de milénios, esticando ou arrastando por ali o seu gigantesco corpo frio apenas à razão de centímetros, foi, aos poucos, polindo as rochas debaixo de si até ficarem redondas. Em anos, decénios, séculos mais quentes, a água foi-se derretendo um pouco à superfície do bloco de gelo e, nos pontos em que era fácil fazer desaparecer a areia que havia debaixo dele, foi escorregando para debaixo do enorme corpo pesado. Assim, onde uma elevação impedia o seu avanço, o gelo batia em retirada, esquivando-se a si mesmo feito em água, e corria encosta abaixo. Em anos mais frios, o gelo jazia simplesmente ali e era pesado. E onde, em anos mais quentes, cavara regos no chão debaixo de si ao derreter, nos anos,

decénios, séculos mais frios, fazia de novo pressão com força sobre eles para os tapar.

Quando, há uns dezoito mil anos, começaram a derreter, primeiro, as línguas do glaciário e, depois, com a terra a continuar a aquecer, todos os seus membros mais a sul, o gelo só deixou poucos depósitos na profundidade dos regos, ilhas de gelo, gelo órfão, gelo morto, assim foi designado mais tarde.

Separado do corpo a que um dia pertencera e aprisionado nos regos, este gelo só muito mais tarde derreteu, mais ou menos treze mil anos antes da era cristã, tornou-se de novo água, infiltrou-se terra adentro, fez-se vapor no ar e choveu de novo para a terra, começou a circular na forma de água entre o céu e a terra. Onde não conseguia penetrar mais fundo, porque o solo já estava saturado, juntava-se sobre o barro azul e ia subindo, atravessava com o seu espelho a terra escura e só no rego se tornava de novo visível como um lago claro. A areia que a própria água raspava da rocha quando ainda era gelo escorregava agora aqui e ali dos lados para este lago e pousava no fundo, de modo que, em vários sítios, se formavam montes subaquáticos, noutros sítios, a água ficava com a profundidade que o rego tinha originalmente. Durante algum tempo, o lago iria então apresentar ao céu o seu espelho no meio das colinas brandeburguesas, ficaria ali liso entre carvalhos, amieiros e pinheiros, que agora voltavam a crescer, muito mais tarde, quando, a certa altura, começou a haver pessoas, receberia até um nome dado por essas pessoas: Mar de Brandeburgo, mas, um dia, também voltaria a desaparecer, pois, como todos os lagos, também este não era senão algo provisório, também este rego, como qualquer forma oca, só existia para, nalgum momento, voltar a ser completamente tapado. Também no Sara houve em tempos água. Apenas na era moderna ocorreu lá aquilo que a ciência designa por desertificação, em alemão “Verwüstung”.

O jardineiro

Ninguém na aldeia sabe donde ele veio. Talvez sempre ali tivesse estado. Na Primavera, dá uma mão aos camponeses na melhoria das suas árvores de fruto, pelo São João, faz enxertias de gomos activos em árvores bravas e, por altura do segundo renovo, de gomos dormentes, enxerta os ramos das árvores a melhorar de garfo ou de borbulhia, consoante a grossura, prepara a mistura necessária de resina, cera e terebintina, e liga depois a ferida com papel ou com ráfia, toda a gente na aldeia sabe que as árvores enxertadas por ele exibem, ao continuarem a crescer, as copas mais regulares. No Verão, os camponeses vão buscá-lo para ceifar ou para armar os feixes. Também de bom grado lhe pedem conselho quanto à secagem do solo escuro das parcelas de terreno da margem do lago, ele sabe como se fazem as tranças de ramos de abeto verdes, espeta-as à profundidade adequada nos furos para desviar a água. Dá uma mão às pessoas da aldeia na reparação dos arados e das grades, corta lenha junto com eles no Inverno e serra os troncos. Que seja seu, não tem nenhum terreno nem nenhum pedaço de bosque, mora sozinho num pavilhão de caça abandonado na orla do bosque, sempre lá morou, toda a gente na aldeia o conhece e, no entanto, as pessoas, jovens e velhas, chamam-lhe apenas o Jardineiro, como se não tivesse mais nenhum nome.

O grande lavrador e as suas quatro filhas

Quando uma mulher se casa, não deve ser ela a costurar o seu vestido de noiva. O vestido nem sequer deve ser feito na sua casa. É costurado fora e, na costura, nenhuma agulha deve partir-se. Não deve rasgar-se tecido de um vestido de noiva ao costurar, tem de ser cortado. Se, ao cortar, acontece um erro, o pedaço de tecido já não deve ser utilizado, tem de se comprar uma nova faixa do mesmo tecido. A noiva não deve consentir que o seu noivo lhe ofereça os sapatos para o casamento, tem de ser ela a comprá-los, e comprá-los com os tostões que foi antes amealhando durante tempos infintos. O casamento não deve ter lugar no período mais quente, ou seja, nos meses de canícula, mas também não no inconstante mês de Abril, as semanas dos banhos antes do casamento não devem coincidir com a Semana Santa antes da Páscoa, e, aquando do casamento em si, deve haver lua cheia ou, pelo menos, a Lua deve estar em quarto crescente, o melhor mês para um casamento é Maio. Algumas semanas antes da data do casamento, encomenda-se os banhos e pendura-se na vitrina. As amigas da noiva entrançam guirlandas de flores e emolduram a vitrina com elas. Se a rapariga é benquista na aldeia, serão três ou mais guirlandas. Uma semana antes do dia do casamento, come-

ça-se com a matança e a fazer os bolos, mas a noiva de maneira nenhuma deve ver o lume a bruxulear no fogão. No dia antes do casamento, vêm, à tarde, as crianças da aldeia fazer barulho, atiram louça para o portal, fazendo-a partir-se, mas copos não, e recebem bolos da mãe da noiva. Na festa de despedida de solteiros, os adultos trazem os seus presentes, recitam poemas e participam no banquete. Na festa de despedida de solteiros, as luzes não devem bruxulear, é sinal de desgraça. Na manhã seguinte, a noiva varre os cacos e atira-os para um buraco escavado pelo noivo. A seguir, a noiva é ataviada pelas amigas para o casamento, usa uma coroa de mirto e um véu. Quando o casal de noivos sai para a rua, há duas raparigas a segurar um entrançado de flores, pousam-no no chão, o casal de noivos passa-lhe por cima. Segue-se então a partida para a igreja. Os cavalos têm duas fitas nos lados exteriores do cabresto, uma fita vermelha para o amor e uma verde para a esperança. Os chicotes exibem as mesmas fitas. A carruagem dos noivos está adornada com um festão de buxo, por vezes também de zimbro. A carruagem dos noivos segue em último lugar atrás das carruagens dos convidados, não deve parar e também não dar meia-volta. Se possível, o cortejo nupcial deve evitar passar em frente do cemitério. Durante o percurso, os noivos não devem olhar em redor. Pode chover, mas não deve nevar durante o percurso. Flocos de neve no chão / vão ser horas de aflição. Além disso, a noiva não deve deixar cair ao chão o lenço de assoar diante do altar, sob pena de haver muitas lágrimas no casamento. No regresso a casa, a carruagem dos noivos circula à frente das outras, tem de seguir com velocidade, não vá o casamento andar para trás. Ao transpor o limiar do sítio da boda, o casal tem de pisar ferro, ou seja, um machado ou uma ferradura. Durante o banquete, o casal senta-se num canto, o canto dos noivos, donde não deve sair. As cadeiras do casal estão adornadas com festões de hera. Após a refeição, um rapaz enfia-se debaixo da mesa e descalça um sapato da noiva, que vai ser

leiloado e tem de acabar por ser arrematado pelo noivo. A receita obtida destina-se às cozinheiras. Às doze horas da noite, por entre canções, o véu é rasgado e cada convidado leva consigo um pedaço como recordação. Após o casamento, o jovem casal muda-se para a casa nova. Ali, bons amigos puseram em cima do fogão um embrulhinho com pão, sal e algum dinheiro, para que nunca falem comida e dinheiro. O embrulhinho tem de ficar ali pousado um ano inteiro sem lhe tocarem. As duas palavras mais importantes num casamento são: pode e deve, e pode, e deve, e pode, e deve. O primeiro trabalho da jovem mulher na nova casa é ir buscar água.

O regedor tem quatro filhas: Grete, Hedwig, Emma e Klara. Quando, ao domingo, atravessa a aldeia na carruagem com as filhas, calça os cavalos com meias brancas. O pai do regedor era regedor, e o pai dele era regedor, e o pai deste era regedor, e assim sempre para trás até 1650. Foi o rei em pessoa que nomeou regedor o pai do pai do pai do pai do regedor e, por isso, este, quando atravessa a aldeia ao domingo na sua carruagem apinhada de filhas, calça os cavalos com meias brancas. Grete, Hedwig, Emma e Klara vão sentadas na carruagem conduzida pelo pai, os cavalos seguem num trote ligeiro e, quando o solo ainda está húmido, nem sequer é preciso chegar ao talho para que as meias brancas dos cavalos fiquem salpicadas. Domingo após domingo, depois do serviço divino, o pai conduz as quatro filhas, vindo do caminho da igreja, pela rua principal abaixo, passando pelo talho e pela escola, passando pela fábrica de tijolos, depois da fábrica de tijolos, vira à esquerda, saindo da rua principal e metendo pelo caminho da margem, segue este caminho em direcção a norte até ao terreno a meia altura do Schäferberg a que toda a gente da aldeia chama o bosque de Klara, por ser a parte dela da herança. Ali, o pai faz meia-volta com a carruagem e, enquanto está a dar a volta, as raparigas, no Verão, saltam rapidamente para o chão, para, do

lado direito do caminho, apanharem algumas framboesas, mas o Wurrach, como chamam na aldeia ao pai das quatro filhas, mal deu a volta, faz estalar o chicote, como costuma fazer também nos dias de trabalho, quando corre à desfilada pela aldeia na carruagem vazia, a chamar os seus criados e criadas ao trabalho, e, mal o pai, o Wurrach, faz estalar o chicote, as quatro irmãs regressam de um salto aos seus lugares, a viagem dirige-se agora para casa, passando pela fábrica de tijolos, pela escola e pelo talho, até à ponta oposta da aldeia, em direcção à quinta de Klotthof, que o pai herdou do pai e este do seu, e este do seu, e assim por diante, à quinta de Klotthof que o rei, por volta de 1650, deu em feudo ao antepassado de Wurrach, juntamente com alguns campos.

Se uma donzela quer saber se não tardará a casar, tem de bater no galinheiro na véspera de Ano Novo. Se for uma galinha a dar primeiro sinal de si, nada feito, se for o galo a responder, o seu desejo vai ser satisfeito. Na véspera de Ano Novo, pode obrigar o futuro marido a aparecer. Se quer casar-se com um barqueiro, senta-se numa carroça, e o desejado não tardará a surgir. Para se consorciar com um pedreiro, a rapariga senta-se num cepo de rachar lenha. Se pegar então numa caixa de argamassa e numa colher de pedreiro, ele depressa virá. Se quer ter um lavrador, pega na foice e na pá. A mãe de uma filha casadoira procura atrair pretendentes à casa. Faz isto deixando as teias de aranha penduradas de propósito na sala. Destruí-las equivale a afastar os pretendentes.

A mãe das quatro raparigas morreu ao dar Klara à luz. O regeador não tem nenhum filho. Há na aldeia pequenos lavradores e rendeiros, dois caseiros e alguns lavradores, mas apenas um regeador.

Grete não vai casar-se, porque o filho mais velho do lavrador Sandke, de quem ficou noiva, o único dos seis filhos de Sandke

que foi educado para agricultor, porque tem destinada a quinta do pai como herança, imediatamente antes do casamento, para sua surpresa e também para surpresa do pai, não foi designado herdeiro pelo proprietário das terras. Na sequência disto, o casamento fica suspenso e o noivo de Grete, após, em Setembro, um cunhado tomar efectivamente conta da quinta, embarca num vapor em Bremerhaven e, por 280 marcos, via Antuérpia, Southampton, o Estreito de Gibraltar, Génova, Port Said, o Canal de Suez, o Mar Vermelho, Áden, Colombo e Adelaide, viaja para Melbourne/Austrália, onde, depois de uma viagem de seis semanas, chega em 16 de Novembro de 1892 com um pecúlio de 8 marcos e um relógio de bolso de ouro, que penhora por 20 marcos. Escreve isto de Melbourne numa carta à noiva, depois disso, Grete não tem mais notícias dele, e os campos de Sandke, contíguos à propriedade de Wurrach, estão para sempre perdidos para a família do regedor.

Hedwig envolve-se com um trabalhador manual que, no Verão, debulha o grão na quinta de Klotthof. Quando o pai sabe disto por um vizinho, entra de supetão no celeiro a meio do dia, arranca o mangual da mão do trabalhador e expulsa-o da quinta com as palavras: Vou buscar o machado, eu mato-te!, corre atrás dele até à orla do bosque, e ouve-se em toda a aldeia a sua voz, que, de tanto mandar, é muito sonora, quase já desengonçada e, assim, soa como a voz de um bêbedo: Vou buscar o machado, eu mato-te! Regressando à quinta, aferrolha Hedwig alguns dias no fumo do sótão, onde ela perde o filho, que, na altura, ainda não é senão uma pequena massa ensanguentada.

Emma, a terceira filha do regedor, teria seguramente estofo de regedor se tivesse vindo ao mundo como homem. Dá uma mão ao pai em tudo, decide, quando ele está ausente, quanto às contribuições dos aldeões, contrata criados e criadas, supervisiona o abate de árvores, os campos e o gado. Sobre um casamento de Emma, jamais alguém, seja na família, seja na aldeia, gastou uma única palavra.